

## As fotógrafas e o olhar sobre o corpo masculino

Marielen Baldissera

Bacharela em Artes Visuais pelo Instituto de Artes Visuais da UFRGS, formada no ano de 2012. Durante a graduação foi estagiária no estúdio fotográfico Bee Happy (2010), bolsista de pesquisa pela SEAD (2011) e bolsista de fotografia do Departamento de Difusão Cultural da UFRGS (2012). Participou de exposições coletivas com obras fotográficas em diversas cidades. Em 2012 teve sua primeira exposição coletiva, intitulada “Fotografei o Sobre”, realizada no saguão da reitoria da UFRGS. Em 2013, a segunda exposição individual aconteceu na sala de exposições da UFCSPA, com a série “Impermanências”. Atualmente cursa mestrado em Artes Visuais pela UFRGS na linha de Poéticas Visuais.

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar as fotografias de Vania Toledo do seu livro *Homens*, e as de Cassia Tabatini do seu livro *The nude project*. Nesses dois trabalhos foi realizada uma inversão do olhar típico masculino sobre o corpo feminino. Essa análise foi baseada em dados sobre as artistas e seus trabalhos, coletados em entrevistas concedidas para revistas e para a autora.

**Palavras-chave:** fotografia, gênero, retrato, Vania Toledo, Cassia Tabatini.

### Female photographers and the gaze over the male body

**Abstract:** The present article will analyze photographs by Vania Toledo's from her book *Homens*, and by Cassia Tabatini's from her book *The nude project*. In these two works an inversion of the typical male gaze on the female body was made. This analysis was based on data about the artists and their work, collected in interviews for magazines and for the author.

**Keywords:** photography, gender, portrait, Vania Toledo, Cassia Tabatini.

### Os homens de Vania Toledo

Em nossa sociedade estamos acostumados a um olhar predominante masculino, portador da visão e produção de imagens de corpos femininos que servem para seu deleite. Ainda são minoria os trabalhos em que imagens de homens são produzidas por mulheres. Essa é uma questão que muda a forma como o retrato será produzido e também analisado, segundo Shearer West (2004, p.145), professora de história da arte na *Universidade de Oxford*: “O gênero do artista é um fato; o gênero do modelo é outro. As maneiras como artistas homens e mulheres interagem com e representam modelos homens e mulheres complicam ainda mais o papel do gênero em retratos.” Como exemplo de transgressão dessa forma de olhar predominantemente masculino, trago o trabalho de duas fotógrafas brasileiras: Vania Toledo e Cassia Tabatini. Vania Toledo, nascida em 1945 em Minas Gerais, socióloga de formação, começou na carreira de fotógrafa trabalhando para jornais e revistas como *Vogue*, *Claudia*, *Veja* e *IstoÉ*, além de

algumas internacionais, como *Time*, *Life* e *Connaisseur*, também fez muitas capas de discos e livros, convivendo com personagens do meio cultural brasileiro. É conhecida como retratista e, seu livro intitulado *Homens*, publicado em 1980 pela Livraria Cultura Editora, fez com que ficasse conhecida em todo o país devido a sua repercussão. O livro teve suas três edições esgotadas e, para conseguir um exemplar hoje em dia, é necessário garimpar em sebos e pagar um valor alto, mas a fotógrafa pensa em fazer uma nova edição, incluindo fotografias mais recentes. Com seu segundo livro, *Personagens Femininos*, de 1991, ganhou o prêmio Excelência Gráfica, pela Associação Brasileira de Técnicos Gráficos, e o prêmio da APCA, como melhor livro e exposição do ano.

O livro *Homens* contém fotografias de trinta e quatro homens nus, anônimos, como o próprio filho de Vania Toledo, e famosos, como Caetano Veloso, Nuno Leal Maia, Walter Franco, Roberto de Carvalho e Ney Matogrosso (Fig.1). Toledo conta em entrevista que a ideia do livro surgiu após refletir sobre o fato de seu marido possuir várias revistas de mulheres nuas, assim tendo acesso ao corpo de inúmeras mulheres, ao mesmo tempo em que ela só conhecia o corpo dele e de seu filho. Toledo se perguntava por que não poderia ela, como mulher, conhecer os corpos de outros homens, constituindo assim uma igualdade de desejo para ambos os gêneros. Já que não havia muitas publicações nacionais com homens nus, ela fez a sua própria.

Dessa forma aconteceu o trabalho, que é obra referencial na fotografia brasileira, uma compilação de retratos que mostram como o homem lidava com seu próprio corpo nas décadas de setenta e oitenta. Nos anos setenta, havia um espírito maior de liberdade, como conta Vania na mesma entrevista: “Eu pertenci, felizmente, a uma época onde a liberdade do pensar, do agir, do tirar a roupa, era uma atitude libertária e normal.” Em relação a isso nossa sociedade regrediu, e talvez fazer um livro como esse nos dias de hoje seria muito mais difícil, por ter que lidar com o politicamente correto e os assessores dos artistas. Os movimentos de contracultura dos anos sessenta e setenta discutiam a liberdade sexual, nesse período os estudos de gênero se fortaleceram e começaram a discutir a imagem do corpo feminino e do corpo masculino, e questionar o sistema vigente. As fotografias de Toledo foram feitas nesse momento de efervescência de tais debates.

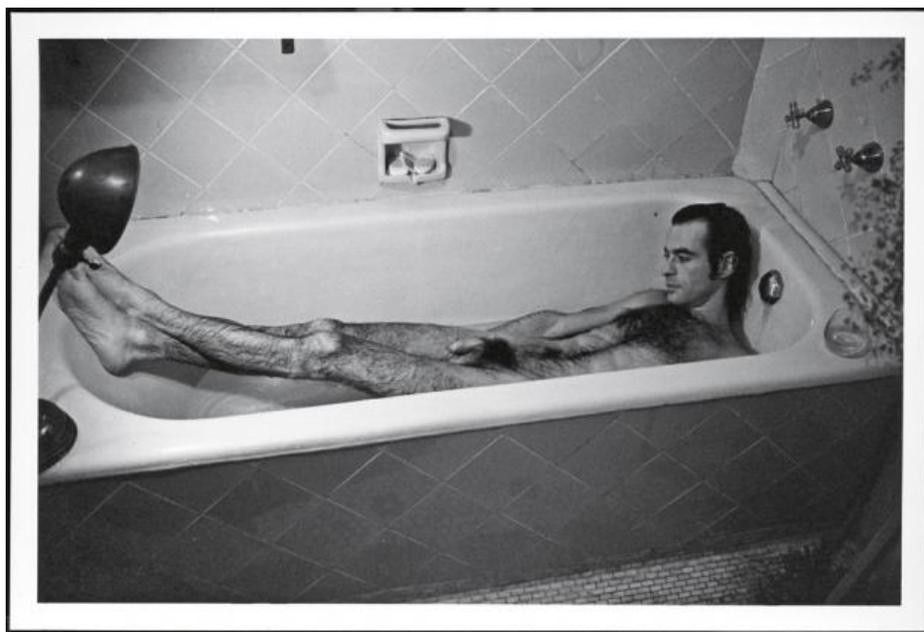


Figura 1 - Vania Toledo: *Ney Matogrosso*.

Algumas fotos são mais explícitas, como a de Caetano Veloso (Fig.2), outras apenas com insinuações do nu. Mas Toledo fala que não buscava um apelo erótico, e sim tratar a nudez com simplicidade e naturalidade. Como em sua história de vida, teve sua fase *hippie* e conviveu com índios em Goiás, a nudez para ela era algo natural. Seguindo essa lógica, buscou homens com pensamento livre e que se enquadrassem no conceito de “índio contemporâneo”, cunhado por ela mesma, que designa alguém a vontade com seu próprio corpo e sua nudez. Característica mais fácil de ser encontrada em artistas, que geralmente têm um pensamento mais aberto, o que justifica os dois nus frontais apresentados serem de cantores, mais acostumados com a exposição do corpo no palco, além de serem amigos da fotógrafa.



Figura 2 - Vania Toledo: *Caetano Veloso*, 1979.

### **Modos de fotografar homens e mulheres**

Creio que a vontade de mostrar a nudez com simplicidade foi realizada com sucesso nas fotos de Toledo, fugindo ao padrão para retratos de homens, que consiste em mostrá-los de modo forte, sisudo, másculo. Normalmente, o objetivo não é mostrar seu corpo e sua beleza, seguindo essa concepção, a beleza é guardada para as mulheres, que a possuem como sua maior virtude, como explica a crítica de arte Susan Sontag (1999, p.24), que tinha íntima ligação com a fotografia:

Retratos de mulheres realçavam sua beleza; retratos de homens seu “caráter”. Beleza (a província da mulher) era suave; caráter (a província do homem) era austero. Feminino era dócil, plácido, ou lastimoso; masculino era forte, penetrante. Homens não pareciam melancólicos. Mulheres, de preferência, não pareciam fortes.<sup>3</sup>

Sontag escreve no passado, pois nesse trecho do texto que abre um livro de fotografias de Annie Leibovitz, fotógrafa e sua companheira em vida, ela se referia à época em que começaram a ser feitos retratos na fotografia. Mas se trocarmos o tempo

verbal do passado para o presente, a citação ainda faz sentido. No livro, intitulado *Women*, publicado em 1999, as mulheres fotografadas são mostradas como pessoas fortes, executando as mais variadas funções. Nessas fotografias, a revelação do caráter e da dignidade em detrimento da beleza e do erotismo já não é mais de domínio exclusivo dos homens. Como exemplo, temos a fotografia da escultora Louise Bourgeois (Fig.3), em que é destacada sua gestualidade e seu caráter forte, com as rugas na pele não significando sua idade avançada como algo pejorativo, mas sim, marcas de expressão e de personalidade.



Figura 3. Annie Leibovitz: *Louise Bourgeois*, 1997.

Nas fotografias de *Homens*, não há essa preocupação comum em querer retratar o caráter forte do homem. Eles parecem muito naturais e até vulneráveis em sua nudez, o que é muito difícil de ver: o gênero masculino retratado em sua fragilidade. Uma forma de enfatizar o caráter forte em fotografias é pelo uso da luz, o pesquisador na área de cinema e professor na *Trinity University*, Patrick Keating (2006, p.96) fala sobre isso quando explica as diferentes maneiras em que a luz é utilizada para atrizes e para atores nos filmes de Hollywood, conceito que se aplica à fotografia: “Direção da luz: Iluminação frontal suaviza rugas, enquanto iluminação de lado e de cima as enfatizam. A primeira é preferida para mulheres, enquanto a última para homens.”<sup>4</sup> Podemos perceber que Leibovitz segue o caminho contrário a essa regra na fotografia de Bourgeois, a ideia é enfatizar suas rugas, e para isso a iluminação lateral é utilizada.

Essa técnica não é usada por Toledo nesse trabalho específico, a iluminação usada nas fotografias é diversificada, dependendo do lugar em que as fotografias foram feitas, mas não é utilizada para ressaltar a masculinidade de alguma maneira, como ela conta no trecho de uma entrevista: “A nudez masculina só aflorou com a cultura gay, dos corpos musculosos e besuntados de óleo. Meu livro não é dessa estética. Não usei artifício nenhum para evidenciar a forma, a musculatura.”<sup>5</sup> Toledo consegue fotografar a beleza do corpo masculino sem fazer algo artificial e sem estereotipá-lo. Mas apesar de ela não ter o objetivo de fazer um trabalho erótico, ele é inerente ao corpo desnudo e a forma que se apresenta, ainda mais nas fotografias de Caetano Veloso e Ney Matogrosso, que possuem uma sexualidade característica e usufruíam dela em sua carreira artística.

### **Os homens de Cassia Tabatini**

Outra fotógrafa que trabalha desse modo em fotografias mais recentes é Cassia Tabatini. Seu livro independente *The nude project*, de 2011, é composto de imagens de seus amigos e conhecidos nus (Fig.4). São vinte e quatro fotos tiradas durante quatro anos (de 2007 a 2011). Tabatini, assim como Toledo, não se utiliza de artifícios de luz, mas os retrata de forma natural, com muitos nus frontais, em ambientes domésticos, suas próprias casas. O modo como a pessoa age em seu ambiente de conforto, intimidade e privacidade, é diferente de como agiria em um lugar público ou em um estúdio fotográfico. O espaço íntimo revela muito sobre a pessoa que vive nele, e pode dar dicas de como o modelo pode ser melhor retratado, como melhor mostrar o seu “eu”. Além de sempre ser um desafio instigante procurar a melhor luz, o melhor lugar, o melhor fundo, e se adaptar a diferentes situações e diferentes locais. A fotógrafa partiu de uma vontade parecida com a de Toledo, como conta em uma matéria sobre fotografia de nu para a revista *TPM* 6: “Comecei em 2007, quando morava em *East London* e via por lá meninos todos montados, com calça *skinny*, uns novos dândis. Quis vê-los sem aquela roupa toda.” Ela gostaria que eles continuassem marcantes e mostrassem sua essência mesmo sem todas aquelas roupas. Em uma entrevista concedida a mim por *e-mail*, ela fala que não teve dificuldades para que os homens posassem nus, e até teve mais convites da parte deles, que se ofereciam para posar para ela, do que o contrário. O trabalho foi feito de forma despretensiosa, pensado em conjunto, com uma conversa

inicial com a pessoa. São retratos comuns, apenas com o detalhe do retratado estar sem roupa.



Figura 4. Cassia Tabatini: *The nude project*.

Tanto Vania Toledo como Cassia Tabatini são amantes do corpo masculino e a maneira como ele se apresenta esteticamente na fotografia, ambas são fotógrafas mulheres que fizeram trabalhos sobre essa temática. Mas ainda são poucas em um mundo dominado pelo masculino. Esse consenso social da predominância do olhar masculino sobre o corpo feminino, e a falta de um olhar feminino sobre o masculino necessita ser questionado pelos artistas. Ou, pelo menos, que seja feito um questionamento do modo como esses olhares se constituem e os estereótipos são construídos. Tabatini concorda que ainda há muito que se explorar sobre a imagem masculina, mas que na época em que fez suas fotografias não sentia tanto isso por morar em um país menos machista que o Brasil, no caso a Inglaterra, onde não havia tanto dessa imagem da mulher sensual que se vende aqui. Somos diariamente bombardeados com imagens de mulheres propagando um ideal de beleza fora da realidade, seja na televisão, revistas, propagandas, cinema, em todos os lugares por onde a cultura visual se veicula.

## O desejo no retrato

Nessa sociedade dominada pelo androcentrismo, a mulher constantemente serve de objeto de admiração e desejo para o homem, que lança sobre ela e sobre seu corpo um olhar de *voyeur*. Esse olhar constante só é possível e permitido devido às construções sociais estabelecidas em que o homem supostamente é superior e dominador. Essa ideia é tão arraigada que as próprias mulheres acreditam nela e agem de acordo. O homem, quando retratado como um corpo objeto, na maioria das vezes está inserido na cultura *gay*, como já comentou Vania Toledo, ou seja, serve ao olhar de outro homem, e não de uma mulher. Cassia Tabatini também quis contestar essa questão em seu trabalho, pois percebeu que a maioria dos colecionadores de retratos masculinos são homens e *gays*. A maioria dos seus retratados também era composta de homossexuais, o que talvez tenha contribuído para que eles ficassem mais relaxados em frente a uma fotógrafa mulher, por não haver tensão sexual como haveria se fosse um fotógrafo homem. Tabatini diz que a questão da sexualidade não fez diferença, e atribui a reação das pessoas ao posar para as fotografias a personalidade de cada um, por existirem pessoas mais confortáveis com seu próprio corpo e com a câmera, independente de sua orientação sexual. Não é o que fala o curador Pablo León de La Barra no texto escrito em 2011 intitulado *Cassia's Boys: Cassia Tabatini's 'The nude project' now on print* em que escreve sobre sua relação pessoal com a fotógrafa e seu trabalho, publicado em seu blog *7 Centre of the aesthetic revolution*:

Muitos dos homens fotografados são homossexuais. Para a maioria deles, posar nu na frente de uma mulher lhes permite fazê-lo sem o desejo sexual, algo que provavelmente não seria possível na frente de um fotógrafo atraente do sexo masculino. Isso pode permitir ao modelo baixar a guarda, permitindo-se assim ser fotografado não como um objeto sexual, mas como ele é. Mas se o desejo desaparece, então é substituído por uma maior consciência de si mesmo. Homens modernos, homossexuais ou não, tornaram-se tão vaidosos e talvez mais inseguros que as mulheres. Ficar nu significa uma aceitação do corpo, do que você é, e não ter medo de ser muito magro ou muito gordo, ou não ser musculoso o suficiente, ser muito peludo ou não ter pelos o suficiente, mas além de tudo, o medo de seu pênis não ereto parecer muito pequeno. As mulheres também poderiam reivindicar a vingança contra a cultura do sexo masculino, com o modelo agora transformado em presa, e usar a câmera como um pênis para estuprá-los, como vingança por séculos de vida sob o controle do olhar masculino, da dominação misógina. Isso não acontece; ao invés, o espaço que Tabatini cria entre a lente e o corpo torna-se um espaço de intimidade, amizade, confiança e respeito.<sup>8</sup>

Na fotografia, principalmente na fotografia de retrato, há a questão do desejo envolvida. Ao fotografar nos guiamos por algum desejo, pelo desejo que o objeto fique como esperamos na fotografia, por uma vontade de se apropriar dele de alguma maneira. Acredito que fazer o retrato de alguém é uma ação realmente muito íntima, e estar disposta a servir de modelo, também. Richard Avedon (2014, p.68), conhecido por ser um grande fotógrafo retratista, também fala sobre o desejo que há por trás de um retrato:

Há um componente de sensualidade em todos os retratos. No momento em que você para e olha, foi fisgado. E você pode olhar um retrato com uma concentração que a vida real não permite. [...] Um quê de confrontador, de erótico, deveria sublinhar, creio eu, todos os retratos.

É verdade que após o retrato estar pronto, podemos olhar para ele por um tempo indeterminado, sem que a pessoa retratada fique constrangida e sem parecermos loucos. Na hora em que o retrato é produzido isso também é verdade, se tem uma “desculpa” para poder encarar uma pessoa por diversas vezes, olhar para seu rosto e seu corpo para captar melhor os detalhes que serão reproduzidos. Na fotografia ainda podemos fazer isso de forma mais oculta, pois não é necessário olhar diretamente nos olhos, pode-se olhar através do visor da câmera, ficando escondido atrás das lentes. Isso é necessário para que a foto aconteça. Esse jogo de olhares demorados se assemelha a um jogo de sedução, e não o deixa de ser. A pessoa retratada vira uma “coisa” que é desejada e mostrada pela fotografia, segundo Win Wenders (2013, p.64):

A câmera, portanto, é um olho capaz de olhar para frente e para trás ao mesmo tempo. Para a frente, ela de fato “tira uma foto”, para trás, registra uma vaga sombra, uma espécie de raio X da mente do fotógrafo, ao olhar direto através do olho dele (ou dela) para o fundo de sua alma. Sim, para frente, a câmera vê seu objeto, para trás vê o desejo de captar esse objeto específico em primeiro lugar, mostrando assim simultaneamente AS COISAS e O DESEJO por elas.

Toledo e Tabatini não deixaram de desejar seus fotografados, ambas desejaram ver como ficariam aqueles homens despídos e fotografados. Ao fazerem isso, preencheram um espaço na lacuna de produção de imagens em que falta uma visão da

mulher sobre o homem, um maior desejo e interesse sobre o assunto. É necessário passar da parte considerada passiva para a ativa.

### **Considerações finais**

Norman Bryson (1995, p.230), historiador e teórico de arte, faz uma leitura sobre o olhar dominante masculino, já tão incrustado na sociedade que pode passar despercebido.

A análise do olhar tem sido crucial para a discussão da imagem; em particular, o centro da análise que descreve uma ótica dominante “heterossexual” na qual a atividade visual é culturalmente construída sobre uma divisão entre papéis ativo (=masculino) e passivo (=feminino) - onde o homem é o portador do olhar, e a mulher é o objeto desse olhar, sua imagem.<sup>9</sup>

A renovação desses conceitos pode ser incumbida aos artistas, devido ao seu poder de transformação. Através de sua arte podem passar mensagens para espectadores acostumados com uma cultura visual cheia de preconceitos. Denunciando clichês visuais, instigando a imaginação e ampliando a percepção de um público já quase cego, fadado aos estímulos visuais constantes. As imagens produzidas e veiculadas em nosso mundo estão carregadas de significados que servem de algum modo a quem as cria e veicula. Imagens essas que podem ser propagandas, filmes, cartazes, e obras de arte e fazem parte da cultura visual. A arte está intimamente ligada a essas relações de poder e transmissão de ideias, arte também é política, como fala a escritora gaúcha Berenice Sica Lamas (1997, p.70):

A produção de objetos de arte é inseparável da produção do poder. O papel da linguagem, denunciado pelos textos pós-estruturalistas, é de trazer significado e construir a subjetividade que não é fixa, mas constantemente negociada através de alguns tipos de forças: econômicas, sociais e políticas.

Precisamos de mais trabalhos como *Homens* e como *The nude project* para que o corpo masculino tenha seus pudores retirados e fique assim mais conhecido e livre. A

arte é, e foi em muitos momentos históricos, espaço de transgressão e agente de mudança das normas e regras estabelecidas. Cabe à arte e aos artistas, no caso, principalmente as artistas do sexo feminino, construir essa nova liberdade através das imagens.

## Notas

1 Todas as traduções de citações originalmente em língua estrangeira são da autora. Citação original: “The gender of the artist is one fact; the gender of the sitter another. The ways male and female artists interact with and represent male and female sitters further complicate the role of gender in portraiture.”

2 Entrevista realizada em debate intitulado “O nu masculino” entre os fotógrafos Vania Toledo e Jorge Bispo para a Revista *TPM*, no ano de 2013. Vídeo do debate disponível no *site*: <http://www.youtube.com/watch?v=AYvhDqrd43s>

3 “Portraits of women featured their beauty; portraits of men their “character”. Beauty (the province of woman) was smooth; character (the province of men) was rugged. Feminine was yielding, placid, or plaintive; masculine was forceful, piercing. Men didn’t look wistful. Women, ideally, didn’t look forceful.”

4 “Direction of light: Frontal lighting smooths wrinkles, while side and top lightings emphasize them. The former is preferred for women, while the latter is preferred for men.”

5 Entrevista concedida para a Revista *Trip* no ano de 2012. Disponível no *site*: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/214/perfis/libertarios.html>

6 Matéria publicada no ano de 2012, disponível no *site*: <http://revistatpm.uol.com.br/revista/124/reportagens/corpo-espelho-e-tesao.html>

7 Disponível em: <http://centrefortheaestheticrevolution.blogspot.com.br/2011/07/cassias-boys-cassia-tabatinis-nude.html>

8 “Many of the men photographed are homosexual. For most of them to pose naked in front of a woman allows them to do it without sexual desire, something which probably would not be possible in front of an attractive male photographer. This might allow for the model to drop the guard, and to allow himself to be photographed not as a sexual object, but as he is. But if desire disappears, then it’s substituted for a greater awareness of one’s self. Modern men, homosexual or not, have become as vain and maybe more insecure than women. To be naked means an acceptance of the body, of what you are, and not being afraid of being too thin or too fat, or not muscular enough, of being too hairy, or not hairy enough, but beyond everything, a fear that your non erect cock will look too small. The female photographer could also claim revenge against male culture, with the model now transformed into a prey, and use the camera as a penis to rape them, in revenge for centuries of women living under the control of the masculine gaze. Neither of

this happens, instead the space that Tabatini creates between the lens and the body, becomes a space of intimacy, trust, fun and respect.”

9 “Crucial to the discussion of the image has been the analysis of the gaze; in particular, that kernel of the analysis that describes a dominant “heterosexual” optic in which visual activity is culturally constructed across a split between active (=male) and passive (=female) roles – where the man is bearer of the look, and the woman is the object for that looking, his image.”

### **Referências bibliográficas:**

AVEDON, Richard. *Cachorros emprestados*. Revista ZUM, São Paulo, n.6, p. 60-75. Abril de 2014.

BRYSON, Norman. *Géricault and “Masculinity”*. In: Visual Culture. Images and Interpretations. New Haven: Yale University, 1995.

LAMAS, Berenice Sica. *As artistas: recortes do feminino no mundo das artes*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997

LEIBOVITZ, Annie. SONTAG, Susan. *Women*. New York: Random House, 1999.

KEATING, Patrick. *From the Portrait to the Close-up: Gender and Technology in Still Photography and Hollywood Cinematography*. Cinema Journal, Vol. 45, No. 3. Spring, 2006.

WENDERS, Win. *Uma vez*. Revista ZUM, São Paulo, n.4, p. 46-65. Abril de 2013.

WEST, Shearer. *Portraiture*. Oxford History of art. New York: Oxford, 2004.